

I Parte

1

Conheci Dean pouco depois de a minha mulher e eu nos termos separado. Eu acabara de recuperar de uma doença grave de que não vou dar-me ao trabalho de falar a não ser para dizer que teve a ver com essa ruptura extremamente deprimente e a minha sensação de que tudo fracassara. Com a chegada de Dean Moriarty começou o período da minha existência a que se pode chamar a minha vida pela estrada fora. Antes disso, sonhara muitas vezes ir para oeste a fim de ver o país, sempre a planear vagamente sem chegar a partir. Dean é o tipo ideal para a estrada, pois nasceu mesmo na estrada, quando os seus pais atravessavam Salt Lake City numa velha carripiana, a caminho de Los Angeles, em 1926. Soube da sua existência pelo Chad King que me mostrou algumas cartas de Dean escritas de um reformatório para menores do Novo México. Essas cartas despertaram-me uma enorme curiosidade porque nelas pedia com muita delicadeza e inocência a Chad para lhe ensinar tudo acerca de Nietzsche e de todos os assuntos intelectuais admiráveis que Chad conhecia. Certa ocasião, Carlo e eu conversámos a respeito das cartas e pensámos se alguma vez chegaríamos a conhecer o estranho Dean Moriarty. Tudo isto se passou há muito tempo, quando Dean não era como é actualmente, na altura em que era um jovem delinquente preso envolto em mistério. Então, chegou a notícia de que Dean tinha saído do reformatório e vinha para Nova Iorque pela primeira vez; também constou que casara com uma rapariga chamada Marylou.

Um dia, andava eu a vaguear pela campo universitário e Chad e Tim Gray contaram-me que Dean estava a viver num apartamento

sem água quente em East Harlem, o Harlem hispânico. Dean chegara a Nova Iorque, pela primeira vez, na noite anterior, com a sua atraente miúda, a bonita Marylou. Saíram do autocarro da Greyhound na 50th Street, dobraram a esquina à procura de um sítio para comer e entraram logo no Hector's e, desde então, a cafeteria Hector's nunca mais deixou de ser para Dean um importante símbolo de Nova Iorque. Gastaram dinheiro em grandes bolos com um belo aspecto cristalizado e pastéis de nata.

Durante esse tempo todo, Dean dizia a Marylou coisas deste tipo:

— Agora, querida, cá estamos nós em Nova Iorque e, embora não te tenha explicado tudo em que estava a pensar, quando atravessávamos o Missouri, sobretudo no momento em que passávamos pelo reformatório de Booneville que me recordou o meu problema prisional, agora é absolutamente necessário adiar todas aquelas coisas pendentes respeitantes à nossa relação amorosa e começar imediatamente a estabelecer planos de trabalho específicos... — e assim por diante, no seu jeito característico desses primeiros tempos.

Fui ao tal apartamento sem água quente com a malta e Dean veio à porta em calções. Marylou estava a saltar do divã; Dean despachara o ocupante do apartamento para a cozinha, provavelmente para fazer café, enquanto prosseguia com os seus afazeres amorosos, pois para ele o sexo era a única coisa sagrada e importante da vida, apesar de ter de suar e praguejar para ganhar o seu sustento, etc. Percebia-se isso pelo modo como ele se punha a abanar a cabeça, sempre a olhar para baixo, anuindo, como um jovem pugilista a receber instruções, para nos fazer crer que não perdia palavra, debitando uma infinidade de «sins» e «pois é». A minha primeira impressão de Dean foi que ele parecia o Gene Autry¹ quando jovem — em boa forma, de ancas estreitas, olhos azuis, com o sotaque genuíno de Oklahoma — um herói de patilhas do Oeste nevado. Na realidade, tinha trabalhado num rancho, o de Ed Wall, no Colorado, precisamente antes de casar com Marylou e de vir para o Este. Marylou era uma loura bonita com uma farta cabeleira encaracolada como um mar de anéis dourados; estava sentada na borda do divã com as mãos pousadas no colo e os seus olhos azuis-cinza de rapariga da província fixos e arregalados por se encontrar num daqueles apartamentos sinistros de Nova Iorque de que ouvira

falar lá no Oeste, e aguardava parecendo uma mulher surrealista de Modigliani de corpo esguio e descarnado numa sala austera. Mas à parte ser uma miúda encantadora, era tremendamente estúpida e capaz de fazer coisas horríveis. Nessa noite, todos bebemos cerveja e dissemos piadas e conversámos até ao raiar do dia e, de manhã, quando estávamos para ali sentados feitos parvos a fumar beatas dos cinzeiros à luz pardacenta de um dia sombrio, Dean pôs-se de pé nervosamente, deu alguns passos a reflectir e resolveu que o que havia a fazer era mandar Marylou preparar o pequeno-almoço e varrer o chão.

— Por outras palavras, querida, o que estou a dizer é que temos de concentrar-nos em fazer melhor as coisas, caso contrário hão-de vir hesitações e a falta de conhecimento real ou a cristalização dos nossos projectos.

Nessa altura, fui-me embora.

Na semana seguinte, confiou a Chad King que precisava imperiosamente de aprender a escrever com ele; Chad disse que eu era escritor e que ele devia ir ter comigo para se aconselhar. Entretanto, Dean arranjava um emprego num parque de estacionamento, brigara com Marylou no apartamento deles de Hoboken (sabe Deus porque foram para lá) e ela ficou tão zangada e com uma sede de vingança tão profunda que telefonou à polícia a apresentar queixa sob um falso pretexto inventado, histérico e disparatado, e Dean teve de pirar-se de Hoboken. Por isso não tinha onde morar. Foi directamente para Paterson, New Jersey, onde eu vivia com a minha tia e, uma noite em que eu estava a estudar, bateram à porta e deparei com Dean a fazer vénias, assumindo uma postura servil na escuridão do corredor e a dizer:

— Viva! Lembras-te de mim... do Dean Moriarty? Vim pedir-te que me ensines a escrever.

— E onde está a Marylou? — perguntei, e Dean disse que ela se prostituía para juntar uns trocados, ao que parecia, e voltara para Denver «...a puta!» Saímos para beber umas cervejas porque não podíamos conversar à vontade diante da minha tia que estava sentada na sala de estar a ler o jornal. Ela lançou um único olhar a Dean e concluiu que era doido.

No bar, disse a Dean: — Ó pá, sei muito bem que não vieste ter comigo só por queres tornar-te escritor. E afinal de contas, que

sei eu para além de que temos de aferrar-nos a isso com a energia de um viciado em benzidrina!

E ele disse: — Pois claro, entendo perfeitamente o que queres dizer e, na verdade, todas essas questões já me vieram ao espírito, mas o que procuro é a realização daqueles factores que, se dependermos da dicotomia de Schopenhauer para aceder a qualquer compreensão íntima... — e assim por diante, coisas de que eu não percebia patavina e ele também não.

Nesses tempos, ele não sabia mesmo do que falava; quer dizer, era um rapaz saído de um reformatório, obcecado com todas as possibilidades fantásticas de se tornar um verdadeiro intelectual, e gostava de falar no tom e de usar as expressões que ouvira a «intelectuais de verdade», mas fazia-o de uma maneira confusa; note-se, porém, que não era ingénuo a esse ponto em tudo o mais e bastaram-lhe uns escassos meses de convivência com Carlo Marx para ficar completamente por dentro dos termos e da gíria. Todavia, compreendíamo-nos um ao outro noutros níveis de loucura e eu aceitei que ele ficasse em minha casa, até arranjar emprego, e além disso combinámos que um dia havíamos de ir ao Oeste. Isto passou-se no Inverno de 1947.

Uma noite em que Dean jantara em minha casa — já ele tinha o emprego no parque de estacionamento, em Nova Iorque — inclinou-se sobre o meu ombro, quando eu estava embalado a escrever rapidamente à máquina, e disse:

— Despacha-te, pá, as raparigas não vão esperar. Vê se te apressas.

Eu disse: — Aguenta um pouco. Vamos logo que termine este capítulo — e era um dos melhores capítulos do livro. A seguir vesti-me e lá fomos nós para Nova Iorque ter com umas raparigas. Enquanto atravessávamos de autocarro o estranho vácuo fosforescente do Lincoln Tunnel, encostávamo-nos um ao outro gesticulando com os dedos, gritando e conversando animadamente, e o entusiasmo de Dean começava a contagiar-me. Ele era simplesmente um jovem a quem a vida arrebatava tremendamente e, apesar de ser um vigarista, só aldrabava porque tinha uma enorme vontade de viver e relacionar-se com pessoas que de outro modo não lhe ligariam nenhuma. Ludribiava-me e eu sabia-o (para obter cama e mesa e «tornar-se escritor», etc.) e ele sabia que eu sabia (isto fora

o fundamento da nossa cumplicidade), mas não me importava e dávamo-nos muito bem: não nos importávamos nem nos adulávamos; éramos reciprocamente ávidos e expectantes como dois novos amigos pungentes. Comecei a aprender com ele tanto como ele, provavelmente, aprendeu comigo. No que dizia respeito ao meu trabalho, ele comentava:

— Continua. Tudo o que fazes é fantástico.

Punha-se a espreitar por cima do meu ombro, enquanto eu escrevia histórias, e gritava:

— Boa! É isso mesmo! Uau! Caramba! — e — Uf! — e limpava o rosto com o lenço. — Uau, pá, há tanta coisa para fazer, tanta coisa a escrever! Só *começar* a pôr tudo no papel sem restrições moderadoras e limitações convencionais, como inibições literárias e temores gramaticais...

— É isso mesmo, pá, assim é que é.

Eu via uma espécie de relâmpago a faiscar do seu entusiasmo e das suas visões que descrevia num ímpeto tão torrencial que as pessoas, nos autocarros, viravam as cabeças para ver o «doido sobreexcitado». No Oeste, passara um terço do seu tempo nas salas de jogos, um terço na cadeia e um terço na biblioteca pública. Era visto a correr impacientemente pelas ruas invernosas, sem chapéu, levando livros para a sala de jogos, ou trepando a árvores para entrar nos sótãos de amigos onde passava dias a ler ou escondido das autoridades.

Fomos a Nova Iorque — não me lembro qual era a cena, duas raparigas de cor — não estavam lá raparigas nenhuma; tinham ficado de ir ter com ele a um pequeno restaurante e não apareceram. Fomos ao parque de estacionamento onde ele trabalhava, pois tinha umas coisas a fazer lá: mudar de roupa na barraca das traseiras, aperaltar-se um pouco diante de um espelho rachado, etc. e depois bazámos. E foi nessa noite que Dean conheceu Carlo Marx. Aconteceu uma coisa impressionante quando Dean conheceu Carlo Marx. Os dois espíritos agudos que ambos são afeiçoaram-se um ao outro instantaneamente. Dois olhos penetrantes entreviram dois olhos penetrantes: o vigarista santo de mente brilhante e o vigarista poético melancólico que é Carlo Marx. Daí em diante, pouco via Dean e sentia-me um tanto desolado. As suas energias chocaram frontalmente, eu era um estúpido comparado com eles, não conse-